



**Título:** JAULA DAS BESTAS MODERNAS

**Autoras:** Josiane de Freitas e Maria Isabel Brisolara

**Orientadora:** Maria Izabel de Bortoli Hentz

**Escola:** Escola de Educação Básica Simão José Hess

**Professor da turma:**

**Ano:** 1º (2012)

**Contextualização do projeto:** Tendo total liberdade de escolha, o gênero bestário foi selecionado devido à perspectiva para o ensino da Língua Portuguesa prevista na Proposta Curricular de Santa Catarina. Além disso, as estagiárias perceberam que, ao trabalhar com esse gênero, possibilitariam aos estudantes o contato com textos que só lhes seriam apresentados no contexto escolar. Foram desenvolvidas atividades com os quatro eixos de trabalho com a língua em torno dos textos lidos e escritos pelos estudantes. A turma foi convidada a participar da Mostra Cultural da escola expondo produções escritas e imagéticas autorais e a produção final do processo de ensino e aprendizagem foi a socialização, em uma roda de apresentação, da versão final das produções textuais dos alunos.

**Cronograma:** Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conhecimentos trabalhados
-------	-----	---------------------------

1	1	Introdução à narrativa que lida com o estranhamento – Leitura do relato da Carta de Pero Vaz de Caminha; relato de viagem: primeiro contato; a construção discursiva e linguística do estranho.
2	1	O estranho da Ilha da Magia - leitura-estudo do conto “A bruxa mamãe” de Franklin Cascaes; identificação das marcas de oralidade no texto; diferenças entre o oral e o escrito; bruxas de Franklin Cascaes; a mulher na literatura fantástica.
3	1	Imagem como textualidade; o folclore nas artes plásticas.
4	2	O diabo na narrativa imagética e escrita.
5	1	Bestiários na literatura; a estrutura narrativa de bestiários; a construção textual e linguística de perfis míticos (ficcionalis).
6	2	Folclore e cotidiano; expressividade, entonação, ritmo e fluência na apresentação oral de histórias e lendas; bestiário como forma textual.
7	1	Criação de imagem.
8	1	Bestiários como forma e conteúdo; dexo real ao ficcional: a construção do bestiário.
9	2	Produção textual.
10	1	História e origem dos bestiários.
11	2	Aspectos da gramática do Português; aspectos da estrutura narrativa; escrita no gênero bestiário; reescrita da produção textual.
12	2	Produção final – texto e imagem; expressividade, entonação, ritmo e fluência na apresentação oral dos textos produzidos.

**Gênero referência:** bestiário

**Eixo organizador do ensino:** escrita e reescrita de bestiários; o trabalho com a leitura através de bestiários, contos e relatos de viagem; o exercício da oralidade a partir da socialização das

produções e das discussões realizadas em sala; e o trabalho com a análise linguística por meio das produções dos próprios estudantes.

**Objetivos:** Inserir o aluno no mundo do gênero Bestiário, ultrapassando o limite do texto e colocando-o em contato com a reflexão sobre esses escritos; como se dá a sua publicação e circulação na comunidade, além da produção de uma narrativa em sala de aula. Além de possibilitar ao aluno interagir com esse novo mundo de forma tátil, abrir o leque de leituras do estudante, mostrando diferenças e semelhanças entre os relatos de viagem e os relatos que constituem os bestiários, e observando os temas que estes abordam.

*Com relação à leitura:* Ampliar o repertório cultural dos estudantes, desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê e ser capaz de identificar as particularidades do gênero estudado e de como este está inserido no nosso cotidiano.

*No que se refere ao ensino da escrita:* Aprimorar a escrita, assumindo a palavra para se posicionar e, assim, reconhecer essa modalidade de uso da língua, não apenas como produto de uma atividade escolar, mas como possibilidade de dizer para além da sala de aula.

*Quanto à análise linguística:* Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para inadequações recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

*No que tange à oralidade:* Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua.

**Metodologia:** Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

### **Aula 1 (1h/a)**

Iniciar a aula com a apresentação do projeto a ser desenvolvido.

Distribuir fotocópias de trechos da carta de Pero Vaz de Caminha (anexo 1) e, ao longo da leitura, identificar como a figura do estranhamento aparece nos trechos da Carta.

Mostrar imagens impressas de descrições de fauna e flora equivocadas (anexo 2) e dialogar sobre o assunto perguntando aos alunos se alguém conhece alguma história parecida de formulação de folclore ou lenda pelo estranhamento.

### **Aula 2 (1h/a)**

Iniciar a aula com a distribuição das fotocópias do texto “A bruxa mamãe” de Franklin Cascaes<sup>1</sup>. Em seguida, ler o texto em voz alta com a turma.

Conversar sobre a escrita que reproduz a oralidade no texto e sobre qual a proximidade dos alunos com o folclore da ilha. Tentar entender, mediante socialização, que tipo de mulher o conto de Cascaes descreve como bruxa e qual a relação desta com as outras bruxas descritas desde a Idade Média.

Distribuir fotocópias das imagens do livro “O fantástico na Ilha de Santa Catarina” para ver de que forma se dá o diálogo entre texto e imagem.

### **Aula 3 (1h/a)**

No início da aula, apresentar, com o auxílio de imagens impressas, a arte de Walmor Corrêa e relacionar tais imagens com todas as imagens analisadas em outras aulas.

Discutir a importância da imagem na criação de um mito e como tanto a imagem quanto o mito podem ser modificados historicamente.

Apresentar imagens de figuras ficcionais e mitológicas contemporâneas com o auxílio de *slides* (anexo 3).

Propor aos alunos a criação escrita de uma figura folclórica inédita e a representação dela em desenho<sup>2</sup>.

### **Aula 4 (2h/a)**

Distribuir os textos “Lilith” e “Os demônios de Swedenborg” de Jorge Luís Borges entre os alunos (anexo 4)<sup>3</sup>. Fazer a leitura, em voz alta, dos textos e, posteriormente, explicá-los estabelecendo uma relação com o trecho bíblico de Gênesis sobre o Pecado Original.

Mostrar imagens do diabo em várias fases da história apontando suas mutações.

---

<sup>1</sup> O texto se encontra na obra *O fantástico na ilha de Santa Catarina* disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187666>. Acesso em 24.06.2021.

<sup>2</sup> Essa atividade foi proposta para que, além de exercitar aquilo que estavam aprendendo, os alunos pudessem participar da Mostra Cultural que estava sendo organizada na escola.

<sup>3</sup> Tais textos não são facilmente encontrados na internet e, por essa razão, foram disponibilizados no anexo 4.

Solicitar aos alunos que pesquisem, para a aula 6, em sua comunidade ou família, se há alguma figura mitológica ou lenda urbana que é conhecida e contada.

### **Aula 5 (1h/a)**

No início da aula, distribuir os contos “Os rememorantes” e “Os sombras” de Wilson Bueno (anexo 5)<sup>4</sup> e solicitar a leitura dos contos em voz alta.

Convidar os alunos a analisarem o que, na estrutura e no conteúdo dos dois contos, se repete e anotar no quadro as características constatadas nos dois contos percebidas na conversa com os alunos.

### **Aula 6 (2h/a)**

Iniciar a aula pedindo que a turma se organize em um meio círculo, a fim de que todos possam se ver na socialização das pesquisas.

Propor que cada um leia em voz alta ou conte o que pesquisou sobre figura mitológica ou lenda urbana para os demais colegas.

Discutir os relatos apresentados, estabelecendo a relação com os textos da última aula, a respeito da forma narrativa do bestiário.

Explicar a estrutura dessa forma narrativa, sistematizando as reflexões no quadro.

### **Aula 7 (1h/a)**

Dar o tempo dessa aula para o aperfeiçoamento da produção iniciada na aula 3 e, assim que terminada, fazer a exposição dos textos e desenhos no corredor da escola<sup>5</sup>.

### **Aula 8 (1h/a)**

Iniciar a aula com a distribuição das fotocópias dos contos “Hienas” e “Os pelicanos” de Wilson Bueno (anexo 6)<sup>6</sup>.

Pedir para que os alunos leiam em voz alta os contos e, em seguida, fazer a discussão do processo de criação do bestiário a partir de animais ou fenômenos reais.

Pedir para que os alunos exemplifiquem as diferenças e semelhanças desses textos com os outros já trabalhados.

---

<sup>4</sup> Tais textos não são facilmente encontrados na internet e, por essa razão, foram disponibilizados no anexo 5.

<sup>5</sup> No anexo 7 pode-se conferir a exposição das produções dos alunos na Mostra Cultural.

<sup>6</sup> Tais textos não são facilmente encontrados na internet e, por essa razão, foram disponibilizados no anexo 6.

### **Aula 9 (2h/a)**

Nesta aula, propor aos alunos a criação escrita individual de um personagem para o texto do bestiário a ser composto pela turma.

A produção deve apresentar título, que é basicamente o nome da besta; introdução, a qual deve conter a principal característica da besta, onde é encontrada ou onde foi vista, seus hábitos noturnos ou diurnos e descrição de suas características e de seus poderes; o desenvolvimento da descrição, que deve informar o porquê de o personagem ter recebido tal nome, como as pessoas o veem, se com sentimentos de medo, nojo ou algo do tipo, qual é a relação da besta com o mundo, se é do bem ou do mal e de que modo é possível tirar a sua vida; e, por último, a finalização, na qual o autor deve se posicionar sobre os prós e os contras de eliminar a besta.

Dar o tempo da aula para que os alunos se dediquem à produção textual e recolher as produções dos estudantes no final.

### **Aula 10 (1h/a)**

Aula expositivo-dialogada para tratar sobre a origem dos bestiários medievais, valendo-se do quadro para registro.

Junto aos alunos, discutir e comparar qual a diferença entre essas características e o que lemos nos bestiários atuais.

### **Aula 11 (2h/a)**

Essa aula é destinada à análise linguística das principais inadequações encontradas nas produções dos estudantes em relação ao gênero e à modalidade escrita da língua. Para tanto, distribuir fotocópias aos alunos que contenham exemplos de formulações feitas por eles<sup>7</sup>.

Propor a análise das frases para que os alunos vejam o que pode ser modificado em sua produção.

Pedir uma segunda versão da produção textual visando as discussões sobre a estrutura e a gramática das primeiras versões.

### **Aula 12 (2h/a)**

---

<sup>7</sup> No anexo 8 há o material produzido pelas estagiárias para esse momento do projeto.

Iniciar a aula solicitando que os alunos se organizem em um semicírculo para a socialização da versão final das produções. Convidar cada aluno a apresentar sua produção – imagem e texto.

Conversar a respeito das produções realizadas e das aulas ministradas. Em seguida, distribuir fotocópias com um resumo dos assuntos estudados<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> As estagiárias não disponibilizaram em anexo ao relatório de estágio a cópia do resumo produzido para essa aula. Ao final, foram sorteados livros entre os alunos e foi realizada uma confraternização para se despedir da turma.

## Anexos

### Anexo 1 - Trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha

Trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha

“Senhor

Posto que o capitão-mor desta Vossa frota e assim igualmente os outros capitães escrevam a Vossa Alteza dando notícias do achamento desta Vossa terra nova, que agora nesta navegação se achou, não deixarei de também eu dar a minha conta disso a Vossa Alteza, fazendo como melhor me for possível, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos. Queira porém Vossa Alteza tomar minha ignorância por boa vontade, e creia que certamente nada porei aqui para embelezar nem enfeiar, mais do que vi e me pareceu. [...]

E assim seguimos o nosso caminho por este mar – de longo – até que na terça-feira das Oitavas de Páscoa – eram os vinte e um dias de abril – topamos alguns sinais de terra. [...] Dalí avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro. [...]

O capitão-mor mandou que Nicolau Coelho desembarcasse em terra com um batel e fosse inspecionar aquele rio. E logo que ele começou a dirigir-se para lá, acudiram pela praia homens em grupos de dois, três, de maneira que, ao chegar ao batel à boca do rio, já ali estavam dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse as suas vergonhas. Traziam nas mãos arcos e setas. [...]

E estando Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos a mandado do Capitão, por ser homem vivo e competente para isso meteu-se logo no esquife a sondar o porto por todas as partes; e tomou, então, dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos, que estavam numa jangada. [...] A feição deles é parda, algo avermelhada; de bons rostos e bons narizes. Em geral são bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostram o rosto. Ambos os dois traziam o lábio de baixo furado e metido nele um osso branco e realmente osso, do comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do lábio, e a parte que fica entre o lábio e os dentes é feita à roque-de-xadrez, ali encaixado de maneira a não prejudicar o falar, o comer e o beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que verdadeiramente de leve, de boa grandeza e, todavia, raspado por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da covinha, de fonte a fonte, na parte por detrás, uma espécie de cabeleira feita de penas de ave, amarela, do comprimento de um coto, muito basta e cerrada, que lhe cobria a nuca e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena com uma confeição branda como cera – mas em verdade não o era – de maneira que a cabeleira ficava mais redonda e muito basta com um todo igual, e não era necessário mais lavagem para a levantar da cabeça. [...]

Muitos deles ou a maioria dos que estavam ali traziam aqueles bicos de osso nos lábios. E alguns que deles eram desprovidos tinham os lábios furados e nos buracos uns espelhos de pau que pareciam espelho de borracha; outros traziam três daqueles bicos, um no meio e os dois

outros nos lados da boca. Aí andava outros, quartejados de cores, a saber, metade sua própria cor e metade de preta, como azuladas. [...]

Entre eles andava um que falava muito com os outros que se afastassem, mas a mim não parecia que fosse muito acatado ou temido. Este que assim se comportava trazia seu arco e flechas; estava tinto de tintura vermelha pelos peitos, espáduas, quadris, coxas e pernas até embaixo, mas os vazios com a barriga e o estômago eram de sua própria cor. E a tintura era tão vermelha que a água não a comia nem desfazia, pelo contrário, quando saía da água parecia mais vermelha. [...]

Em seguida o Capitão foi subindo ao longo do rio, que corre sempre próximo da praia. E ali esperou por um velho que trazia na mão um tronco de jangada. [...] Trazia este velho o lábio inferior tão furado que lha cabia pelo buraco um grande dedo polegar e trazia metido no buraco uma pedra verde – de pouco valor – que fechava por fora aquele buraco. O Capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela para a boca do Capitão, para ali metê-la. Rimos todos, por um pouco, com este episódio, e então enfadou-se o Capitão e deixou-o. [...]

E do outro lado do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante dos outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se, então, além do rio, Diogo Dias e levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. Logo meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam, e o acompanhavam muito bem ao som da gaita. Como ele – Diogo Dias – com esses bailes muito os segurasse e os afagasse, logo se retraíram, como animais monteses, e se retiraram para cima do monte. [...] Tudo isso bastará a Vossa Alteza para ver como eles passavam de uma confraternização a um retraimento, como pardais. Ninguém não lhe deve falar de rijo, porque então logo se esquivam; para em os amansar é preciso que tudo se passe como eles querem.

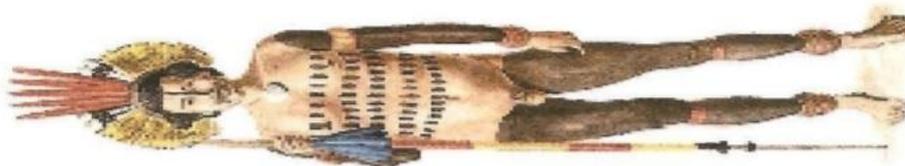
Os outros dois que o Capitão teve nas naus, aos quais deu o que já foi dito, nunca mais apareceram, fatos que me induzem a pensar que se trate de gente bestial e de pouco saber, e por isso mesmo tão esquivas.

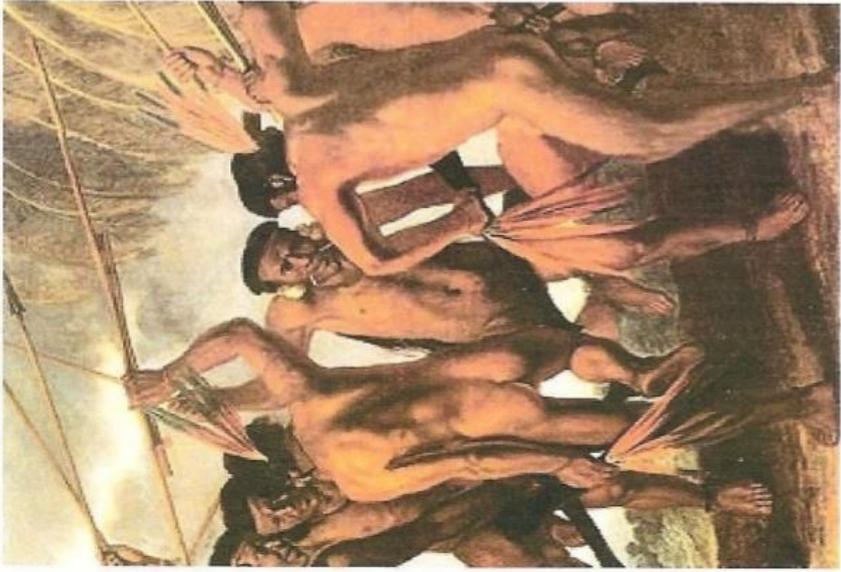
[...]

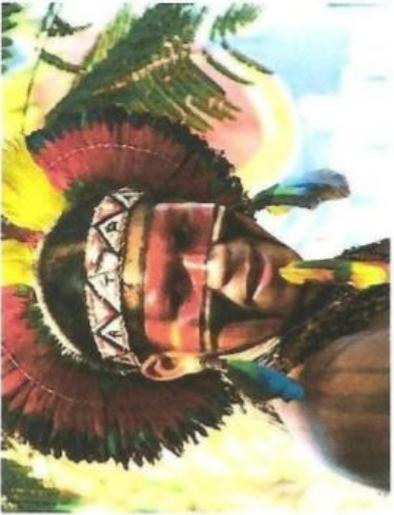
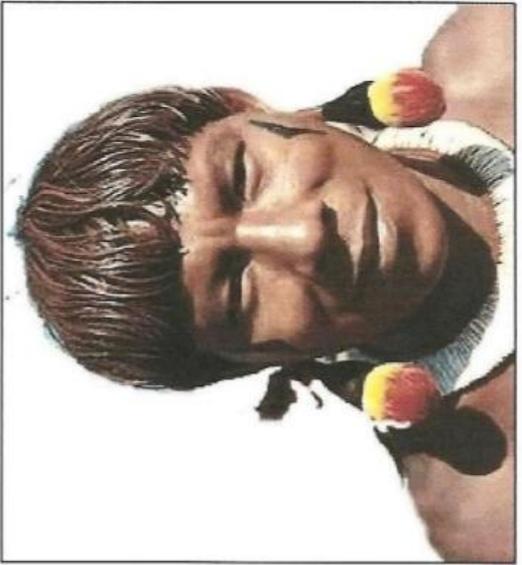
As águas [desta terra] são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem. Porém, o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar.”

## Anexo 2 - Imagens da fauna e flora equivocadas

Primeiro contato entre os nativos e os portugueses







## Anexo 3 - Slides da aula 3



### WALMOR CÔRREA

- Walmor Côrrea é um artista plástico que desde de 2002 trabalha com criações onde animais e personagens do folclore são retratados anatomicamente.
- Seus desenhos figuram como seria se os personagens da nossa ficção pertencessem de fato ao nosso cotidiano, que aparência teriam, como se constituiriam biologicamente, quais seriam as diferenças entre nós e eles na composição corpórea.

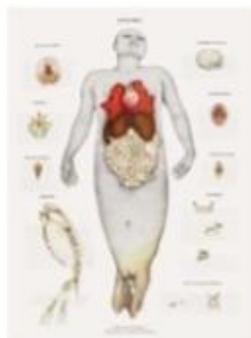
### CURUPIRA



### CURUPIRA

- "O Curupira é uma entidade da floresta que agride caçadores ou os confunde, impedindo-os de caçar ou levando-os a se perderem e acidentarem. Seu nome vem de *curumi*, menino e *pira*, corpo; corpo de menino. É mais conhecido por esse nome na Amazônia, no Maranhão e no Sudeste do Brasil, exceto Espírito Santo.
- Entidades análogas são conhecidas como Caapora ou Caipora, no Nordeste do Brasil e Espírito Santo; Kilaino, entre os bakaeris do Mato Grosso; Maguare, na Venezuela; Selvaje, na Colômbia; Chudiachaque, no Peru; e Kaná, na Bolívia".

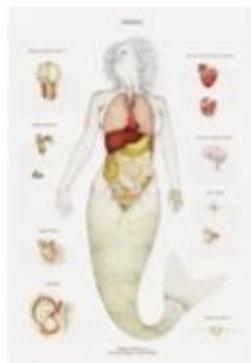
### IPIUPIARA



### IPIUPIARA

- O Ipuipara, Igpupiará ou Hypupiará (do tupi *ipupirã*, "monstro marinho"), segundo os tupis do atual litoral brasileiro no século XVI, era um monstro marinho e antropofago.
- Uma crônica de Pero de Magalhães Gândavo, publicada em 1575, conta que um ipupiará apareceu em 1564 na praia de São Vicente (SP), a primeira vila brasileira, e aterrorizou a escrava indígena, que ia encontrar o amante na praia e viu a aparição do monstro como um castigo. O ipupiará, aparentemente, já matara seu amante. Andara fugiu apavorada, mas no caminho encontrou o capitão Baltasar Ferreira que enfrentou o monstro e o abateu a golpes de espada. Era o representante em São Vicente do capitão-mor Pedro Ferraz Barreto, que residia em Santos. Segundo o cronista, o monstro tinha "quinze palmos de comprimento" (3,30 metros) e era "semeado de cabelos pelo corpo e no focinho tinha umas sedas mui grandes como bigodes".

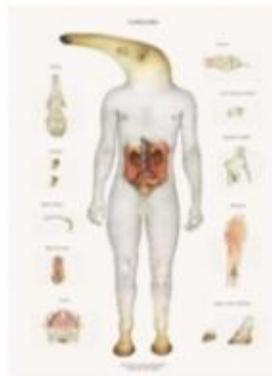
## ONDINA



## ONDINA

- Em *Ondina* (no original, *Undine*), romance fantástico de 1811 do alemão Friedrich de la Motte Fouqué, uma dessas entidades se casa com um cavaleiro e assim ganha uma alma, mas o marido a abandona por outra mulher. Ondina volta à água, mas no casamento do marido com a segunda esposa, reaparece e tira-lhe a vida com um beijo.
- Em outras versões, a ondina sacrifica a imortalidade para se casar com um cavaleiro e dar-lhe um filho, mas então envelhece e encontra o marido adormecido no estábulo com uma amante. Ela então o acorda e amaldiçoa - continuará a respirar enquanto estiver acordado, mas morrerá quando voltar a dormir.
- Por causa dessa lenda, uma forma de apnéia noturna - síndrome que priva certas pessoas de respiração durante o sono - é também conhecida como "maldição de Ondina".

## CAPELOBO



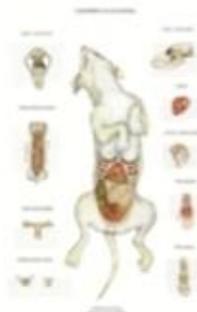
## CAPELOBO

- O capelobo, também chamado cupelobo, pertence ao folclore do Pará e do Maranhão. O nome parece ser uma fusão indígena-portuguesa: capê (osso quebrado, torto ou aleijado) + lobo. A lenda lhe dá características de licantropo e, às vezes, também de vampiro.
- Pode aparecer em duas formas.
- Na forma animal, é do tamanho de uma anta, mas é mais veloz. Apresenta um focinho descrito como de cão, anta, porco ou tamanduá e tem uma longa crina. Peludo e muito feio, sempre perambulava pelos campos, especialmente em várzeas.
- Na forma semi-humana, aparece com um corpo humano com focinho de tamanduá e corpo arredondado.

## CAPELOBO

- Segundo Câmara Cascudo (*Geografia das Mitos Brasileiros*, "Ciclo dos Monstros") é um animal fantástico, de corpo humano e focinho de anta ou de tamanduá, que sai à noite para rondar os acampamentos e barracões no interior do Maranhão e Pará. Denuncia-se pelos gritos e tem o pé em forma de fundo de garrafa. Mata cães e gatos recém-nascidos para devorar. Encontrando bicho de porte ou caçador, rasga-lhe a carótida e bebe o sangue. Só pode ser morto com um tiro na região umbilical. É o lobisomem dos índios, dizem. No rio Xingu, certos indígenas podem-se tornar capelobos.

## CACHORRA DA PALMEIRA



## CACHORRA DA PALMEIRA

- A Cachorra da Palmeira é uma lenda de Palmeira dos Índios, Alagoas, que é conhecida e contada de muitas formas diferentes em todo o Nordeste e é um dos temas recorrentes da literatura de cordel.
- Na maioria das vezes, trata-se de uma jovem rica e culta que menospreza ou ridiculariza algum homem tido como santo pelo povo (Padre Cícero, Frei Damião etc.), ou comete algum outro pecado e é castigada com a transformação em cadela, condenada a correr eternamente ou trancafiada em uma jaula até o fim da vida.

## SPIDER MAN



## SPIDER MAN

- Órfão quando pequeno, Peter Benjamin Parker foi morar junto com seus tios Benjamin e May Parker em Forest Hills, Queens, na cidade de Nova York. O menino cresceu e se tornou um adolescente tímido, mas extremamente inteligente. Era muito desajeitado com as garotas e não tinha muitos amigos. Aos 15 anos, durante uma demonstração de equipamentos que manipulavam radiação, Parker foi picado por uma aranha de uma espécie cujo veneno, em situações normais, é inofensivo ao ser humano. Porém, ela havia sido exposta à radioatividade do aparelho e por isso a picada provocou impressionantes mutações na genética, metabolismo e biologia do organismo do jovem Peter.

## PINGUM



## PINGUM

- O Pinguim (em inglês: *Penguin*) é um personagem fictício de histórias em quadrinhos da DC Comics, sendo um dos vilões mais tradicionais de Batman.
- Os dois temas envolvidos em seus crimes são os pássaros de todo o tipo e guarda-chuvas dos quais tem dúzias. Cada modelo traz um truque diferente: armas ocultas, dispositivos de transporte, gás, pó, etc.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- <https://pt.fantasia.wikia.com/wiki/>
- <https://www.walmorcorrea.com.br>

## os demônios de swedenborg

Os demônios de Emanuel Swedenborg (1688-1772) não constituem uma espécie; procedem do gênero humano. São indivíduos que, depois da morte, escolhem o inferno. Não estão felizes naquela região de pântanos, desertos, selvas, aldeias arrasadas pelo fogo, lupanares e escuras covas, mas no céu seriam mais desditosos. Às vezes desce sobre eles um raio de luz celestial; os demônios o sentem como uma queimadura e como um cheiro fétido. Acham-se bonitos, mas muitos têm rostos bestiais ou rostos que são meros pedaços de carne, ou não têm rostos. Vivem no ódio recíproco e na armada violência; quando se unem fazem-no para destruir-se ou para destruir alguém. Deus proíbe aos homens e aos anjos desenhar um mapa do inferno, mas sabemos que sua forma geral é a de um demônio. Os infernos mais sórdidos e atrozes estão no oeste.

## lilith

“Porque antes de Eva foi Lilith”, lê-se num texto hebraico. Sua lenda inspirou ao poeta inglês Dante Gabriel Rossetti (1828-82) a composição de *Eden Bower*. Lilith era uma serpente; foi a primeira esposa de Adão e lhe deu *glittering sons and radiant daughters* (filhos resplandecentes e filhas esplendorosas). Depois, Deus criou Eva; Lilith, para vingar-se da mulher humana de Adão, convenceu-a a provar do fruto proibido e a conceber Caim, irmão e assassino de Abel. Essa é a forma primitiva do mito, seguida por Rossetti. No decorrer da Idade Média, sob a influência da palavra *layil*, que em hebraico quer dizer “noite”, ele foi se transformando. Lilith deixou de ser uma serpente para ser um espírito noturno. Às vezes é um anjo que governa a geração dos homens; outras, demônios que assaltam os que dormem sozinhos ou os que andam pelas estradas. Na imaginação popular costuma assumir a forma de uma silenciosa mulher alta, de negros cabelos soltos.

## Anexo 5 - Contos da aula 5

Tudo imprimem à formidável memória, os rememorantes, e são eles que nos assopram ao ouvido exercetos de histórias contadas por sonhos esquecidos ou mesmo o sanguinolento entrecho de um pesadelo para sempre soterrado pelo que havia nele de mágoa e escasso abraço.

Nada temem da natureza dos sonhos, e nem poderia ser de outra forma, pois, detalhe supremo, os rememorantes se alimentam deles e só nos dão a ver sobras sonhadas, lapsos, fragmentos, fluídos recortes e vagas esquinas de um sonho que, sabemos, com rigorosa certeza, ter sido bem mais do que o inútil sem nexo, por exemplo, de um olho boiando na água ou o simulacro de asas com que ainda uma vez tentamos e não conseguimos voar.

E porque se alimentem de nossos sonhos, vão por aí, ruminando-os o tempo inteiro, justamente naquelas manhãs em que, ingênuos, nos deixamos enganar, pensando que há muitas noites nada sonhamos.

É com eles que os rememorantes se refestelam, gordas jibóias de nossa talvez mais sublime quimera.

### Os rememorantes

Também chamados de os duendes da noite, os rememorantes são animais dotados de uma imaginável memória.

Vigiam o sono dos demais seres que habitam este nosso mundo acerbo, graças a uma característica que faz deles, dos rememorantes, únicos sobre o planeta — não dormem, nunca dormiram, e, porque sejam perenemente insones, podem penetrar nosso sono sem se deixarem contaminar por sua impossível matéria.

Os rememorantes possuem ainda outra qualidade essencial ao seu officio — alcançam perscrutar, mesmo no sono mais embrutecido, os sonhos que ali morem e se movimentem com esta graça inquieta que costuma ser, dos sonhos, o seu maior triunfo.

E explicavam o aparente paradoxo com uma exortação simples — atentemos para eles, os sombras, que, se constituindo em nossas visagens, andam conosco e nos perseguem, incertos desenhando-nos as formas no chão, nos muros, pelas paredes.

Deixar que existam é permitir que sejamos deles apenas um cambiante reflexo.

## os sombras

Os sombras não existem.

Reside aí a singular natureza destes monstros dotados de braços e pernas e cabelos e que tendo se convertido numa suposição encantada andam à nossa órbita modesta como se existissem.

Anteriores ao tempo que é apenas o simulacro despedaçado da eternidade, os sombras, embora não existam, são bichos puros e, não raro, obsedantes.

Mas se não existem nem nunca existiram, como conferir a eles um *status* de coisa viva, dotada de braços, pernas, cabelos e um secreto ritmo?

Para os eleatas, que tinham o feio hábito de prender os sombras em câmaras escuras, se eles existissem, os homens e as coisas não existiriam.

## Anexo 6 - Contos da aula 8

### Hienas

Se me perco de amor por vós pela galhofa com que me rides, carniceira, te esconjuro.

Alta noite é que estás rindo de meus odores, vossos incensos, a dura ambígua carne com que corroto em vós o apodrecido encanto. Não somos seres de caça; antes provamos do banquete alheio os restos dele, as suas sobras.

Rasgo-lhe a cara a dentadas; furas-me o olho, sinistra. Finco em vossos esquálidos os meus caninos, os dois, como uma forma cruciante de gancho, ou de anzol. Ganindo persigo o cio aziago e sob a grande noite, seus quietos, seus possíveis duendes, capaz me mijes.

Amamos um ao outro, mas com tal ódio que, focinho em riste, mais que rir, uivo quebrado em dois, e magro. Sobre mim tripudias o solene cacto de nossa vida vesga. Vergas?

Ensinaram-nos o amor feito ele fosse a chibata. De que fezes, hiena, o vosso nojo?

### Os pelicanos

Os pelicanos são como ~~avis~~<sup>aves</sup> raras, e moram, em seu silencioso coração, as reticências.

Arcar com o severo pesadume do bico é, deles, dos pelicanos, uma insubstituível marca e, de certo modo, um glorioso acinte. Pudessem, não envergariam pela vida afora os bicos como trombas tristes e nem exibiriam as longas melancólicas pernas feito uma humilhação compulsória.

Ah, guardam, no escuro papo guardam uma esmeralda viva e sonham por nós o sonho oblíquo de que sendo sumamente feios, de físico e de feição, nós, os dois, neste lago merencóreo, alcancemos soar, quem diria?, perfeitamente escarlates.

Voar não podemos dada a complexidade do corpo contra a magra asa. Assim, jaburu, o nariz e a dilatada marca de teu lábio inchado.

Textos de Wilson Bueno presentes em:  
<http://www.germinalliteratura.com.br/wb.htm>

**Anexo 7 - Produções dos alunos na Mostra Cultural**



## Anexo 8 - Quadro com as inadequações textuais da primeira versão

<p><b>Ênclise verbal.</b> Evite utilizar pronomes pessoais do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles) no lugar de ênclise do verbo (-lo, -la, -no, -na).</p> <p>Evite também unir a ênclise ao verbo</p>	<p>Ex: “e no lugar das pernas são fogos, que fazem ele flutuar”</p> <p>“e é possível matar ele com uma estaca no coração.</p> <p>Ex: “Só há um modo de mata-lo.”</p>
<p><b>Verbo haver.</b> Usa-se a forma verbal ‘haver’ em frases que indicam tempo ou fato passado. Deve ser grafado “há” e não “a”.</p>	<p>Ex: “essa besta foi vista a muito tempo.”</p>
<p><b>Tempo verbal “ão” e “am”.</b> O sufixo “ão” indica futuro; O sufixo “am” indica passado.</p>	<p>Ex: “tem o habito de comer os caçadores que vam casar em seu habitat.”</p> <p>“essa besta sim tem que ser eliminada pois os índios que cuidão das florestas.”</p>
<p><b>Tempo verbal do relato.</b> Use o mesmo tempo verbal na escrita de seu texto. Se iniciou narrando no passado, permaneça no passado; se iniciou no presente, permaneça no presente.</p>	<p>Ex: “possui esse nome por ser seguidor do diabo. Ele era assustador, pois tinha chifres...”</p>
<p><b>Concordância verbal.</b> O verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa.</p>	<p>Ex: “Tem como principal característica os chifres que não é normal nos cachorros de hoje.”</p> <p>“Nas noites de lua minguante algumas pessoas que já o viram, se esconde entre as árvores.”</p>
<p><b>Uso do ‘por que’ e do ‘porque’.</b> “Por que” indica ‘por qual razão, qual motivo. Ex: Por que você não foi ao cinema? “Porque” indica causa ou explicação. Ex: Não fui ao cinema porque tenho que estudar para a prova.</p>	<p>Ex: “Por que pode entrar no seu corpo e dominar seus movimentos.”</p> <p>“Acho que essa besta deveria morrer por que nesse mundo já existem...”</p>
<p><b>Mas e mais.</b> “Mas” é uma conjunção adversativa: Ex: Nada encontrou de valor, mas quinquilharias.” “Mais” é um advérbio que indica maior intensidade, maior quantidade, adição. Ex: O que mais vamos fazer.</p>	<p>Ex: “A noite ele exerce seu poder máximo, mais oque ele mais gosta de fazer é...”</p> <p>“tem como abto alimentar de comer as pessoas, mais uma coisa que tinha na besta que os índios ficavam chocados...”</p> <p>“Os índios já tentaram varias formas de matar essa besta, mais só depois de vários ataque na tribo...”</p>
<p><b>Locuções adverbiais.</b></p>	<p>Ex: A noite ele exerce seu poder máximo.</p>

<p>à noite, à tarde, à beça, à deriva, à vista, à primeira vista, à hora certa, à esquerda, à direita sempre serão grafadas com crase.</p>	<p>mais oque ele mais gosta de fazer é...”</p>
<p><b>Verbos ‘ter’ e ‘haver’.</b> Na escrita, sempre dê preferência para o verbo haver no lugar do verbo ter.</p>	<p>Ex: “mas com um acidente nuclear que teve na usina onde trabalhava.”</p> <p>“apesar de ser um anjo <sup>SEMPRE</sup> <del>sem</del> tem alguém que não gosta.”</p>